

GRIFFITHS: — O misticismo cristão começa no Novo Testamento, primeiro de tudo com Jesus. Jesus teve uma experiência única de Deus, que exprimia com a palavra *abba*. Diz-se agora que *abba*, Pai, denotava uma intimidade profunda, e que Ele se sabia em relação com Deus como o Filho para o Pai, de uma forma única. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai. Ninguém conhece o Pai a não ser o Filho. Jesus tinha essa relação única de unicidade com o Pai — unicidade de relação. Essa era uma experiência mística. O Espírito Santo é a autocomunicação de Deus. O Filho é a revelação, o Espírito Santo é a comunicação, e, no Pentecostes, desceu sobre os apóstolos envolvendo-os também na experiência mística. Na Igreja antiga, havia um sentimento muito forte de que essa divina experiência mística se transmitia por intermédio dos bispos. Entretanto, à medida que uma organização se desenvolve e se afasta da fonte, transforma-se mais e mais numa realidade humana. Embora a tradição mística nunca tenha abandonado a Igreja — há santos ainda hoje —, a organização, as fórmulas dogmáticas e o sistema sacramental tendem a camuflá-la. Foram concebidos para revelá-la, e a escondem. Mas sinto que, em nossos dias, o misticismo começa a se manifestar novamente. É claro que a tradição mística constitui a própria vida da Igreja; sem ela, tudo perde o significado.

WEBER: — Afirma o senhor que esses aspectos podem revelar o misticismo, mas as pessoas os tomam como fins em si mesmos. Exigem eles nossa intuição e autotransformação?

GRIFFITHS: — Exatamente. Veja, o que aconteceu realmente foi que os padres tiveram essa tremenda experiência de Cristo. Tentaram encontrar palavras para expressá-la, algumas fórmulas. Necessitamos de alguma forma conceitual para focar a realidade. Os epígonos tomaram a fórmula e deixaram de lado a significação que ela tencionava expressar. E solidificaram-na num dogma. É preciso liberá-la, e isso é difícil.

WEBER: — Isso levanta outra questão pertinente a uma hipótese sobre a qual se baseia a filosofia oriental. De uma perspectiva cristã, podemos nos tornar Deus?

GRIFFITHS: — Até certo ponto, isso é um problema de linguagem. Afinal, Santo Aterásio, o maior doutor da divindade de Cristo, disse que Deus se tornou homem para

que o homem pudesse tornar-se Deus. Mas, na verdade, tudo depende da maneira como compreendemos tal declaração. Karl Rahner tinha uma opinião muito interessante a esse respeito. Dizia que em todo ser humano existe a capacidade de autotranscendência. Para além de nosso corpo, para além de todas as faculdades normais da alma, estamos abertos à realidade transcendente. Essa capacidade está em nós o tempo todo, pode crescer e tornar-se total — então, é possível para o ser humano dar-se *totalmente* a Deus. Rahner diz que em Jesus residia um ser humano no qual essa capacidade de autotranscendência se realizou plenamente, de modo que ele pôde transformar-se em Deus. Pôde perceber-se em total unidade com Deus, e Deus pôde dar-Se totalmente a ele. Cada um de nós pode transcender-se e experimentar a unidade com Deus. Isso, entretanto, não é realmente *tornar-se* Deus [como no *advaita* indiano], porque Deus estará sempre além. O ser humano é sempre limitado, e, embora possamos transcender-nos e receber o dom da vida divina, esse dom nunca é total. Como afirma Santo Tomás de Aquino, não somos abrangentes: não abrangemos Deus. Embora sejamos um com Ele e experimentemos Seu amor, Ele está sempre além.

WEBER: — O fato de Cristo ter sido capaz disso levanta a questão: quem era ele? Um homem espiritualmente muito evoluído, apto, portanto, a *apreender* essa experiência, ou um ser pertencente a uma ordem diferente da nossa, desde o princípio?

GRIFFITHS: — Dentro da tradição estritamente cristã, penso que devemos considerar Jesus como um homem. Ele fazia parte desta humanidade, tinha o corpo e a alma de um judeu, era um homem do seu tempo. Nesse sentido, é totalmente humano e partilha a realidade humana inteira, sem exceção da dor e da morte. Nele, como em todos, existia a capacidade de autotranscendência. Mas nele, da maneira como vejo as coisas, tal capacidade era ilimitada. Nas profundezas do espírito, estava aberto à *total* realidade de Deus, de sorte que São Paulo sentenciava: “Nele mora a plenitude da Divindade encarnada”. Ele é totalmente um com Deus e totalmente um com a humanidade. Nós, os demais, apresentamos graus variados de abertura ao divino. Participamos da vida divina segundo a nossa capacidade, mas há sempre um limite para esse divino *satchitananda*.